

## **Fendas no céu de celofane: apostando nas artes e humanidades**

*Ana Maria Dietrich*  
*Editora-chefe*

Inúmeras metáforas passam pelo questionamento sobre a totalidade do conhecimento do homem sobre a realidade que o circunda. São Paulo em sua carta aos Coríntios escreveu um famoso texto que foi posteriormente livremente adaptado na década de 1980 pela banda de Brasília, Legião Urbana: “Agora nós vemos num espelho, confusamente, mas, então veremos face a face. Agora, conheço apenas em parte, mas, então, conhecerei completamente, como sou conhecido”. Separa-se um tempo de “trevas” e desconhecimento, de outro tempo, aquele a que seria dado ao homem uma visão mais profunda e abrangente. Também Platão em uma de suas análises que se tornou posteriormente uma das mais conhecidas, afirmou que os homens teriam acesso apenas a sombras da realidade, uma vez que viveriam em cavernas, com seus olhos voltados para a escuridão. Caso houvesse uma ocasião na qual um deles se libertasse e saísse da caverna entrando em contato com o mundo real; e, se ele pudesse voltar e contar o que descobriu a seus semelhantes, ninguém iria acreditar nele. Trazendo tais questionamentos para a contemporaneidade, o filme Matrix narra uma história na qual a humanidade vive sob o julgo de máquinas que a controlaria. Todos viveram sob uma falsa impressão de realidade, em uma ilusão, mas a falta de consciência a respeito disso fazia que os homens levassem suas vidas de maneira tranqüila e medíocre. Seres corajosos, que tiveram a escolha e preferiram ver a realidade como é, por mais difícil que ela fosse, iriam questionar a ordem e teriam a capacidade de enxergar além da matrix, podendo inclusive destruí-la.

Como derrubar a matrix, como sair da caverna, como enxergar de maneira integral são indagações que muitos já fizeram ao longo da história. Os instrumentos variam, o acesso às ciências, à educação, o negar sistemático dos misticismos e o caminhar para os purismos da racionalidade. Mais modestamente, alguns estudiosos já não falam em acabar de uma vez com o céu de ilusões que está sob nossas cabeças, mas de abrir fendas nesse céu, fendas pelas quais atravessaria a luz do conhecimento fazendo com que tivéssemos instantes de lucidez. Nesse sentido, a arte, com seu poder de transcendência e ao mesmo tempo, como expressão de algo inerente ao ser humano, mas que – de alguma maneira – é inatingível pelos meios tradicionais racionais e objetivos, seria a solução. Como afirmou a estudiosa de arte-educação Ana Mae Barbosa, a arte

tornaria possível o desenvolvimento da percepção e da imaginação e teria outros atributos como: a apreensão da realidade do meio ambiente, o desenvolvimento da capacidade crítica e da criatividade que possibilitaria em um, último instante, na transformação, na mudança.

A expressão do artista é diretamente influenciada pelo modo com que enxerga a realidade, sua maneira de pensar e suas escolhas das formas de representar quer seja o que vê, quer seja o que sente. A experiência sensível da arte, marcada pela percepção estética, se distancia da científica que se pretende objetiva e racional. Por sua vez, em uma relação bilateral, assim como a arte tem a capacidade de expressar de maneira profunda a realidade sensível, o artista mergulhado em valores e ideologias de sua época tem sua arte influenciada por toda a conjuntura de seu tempo, escreveu Fernandes Freitas.

Contemporâneos, que chega a seu terceiro número completando seu primeiro aniversário, vai de encontro a essas atuais discussões. A revista ganhou uma nova epígrafe, “revista de artes e humanidades”, no lugar de “revista de história contemporânea”. A mudança não está apenas no nome, mas é reflexo de uma reestruturação interna, com a nova composição do conselho editorial e consultivo, marcada pela interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Estudiosos de história, antropologia, sociologia, geografia, comunicação, arquitetura, cinema, letras, literatura, artes cênicas e dança fazem parte de nossa equipe que tende a crescer e se diversificar cada vez mais. O óbvio ululante que não pode ser ignorado sob o prego de purismos acadêmicos e disciplinares é que para se entender a teia complexa das relações da contemporaneidade, uma única área de saber torna-se insuficiente, sendo cada vez mais necessário o diálogo.

Os resultados já começam a aparecer. Neste número trazemos oito artigos no dossiê *Arte e Brasilidade* escritos por estudantes e profissionais de diferentes áreas de conhecimento e que destrincham tal tema com criatividade e ousadia. O ponto de partida das discussões são biografias de grandes intelectuais e artistas brasileiros, entre os quais, Cândido Portinari, Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Freyre, José de Alencar, Sergio Buarque de Holanda, Caetano Veloso, Noel Rosa e Gilberto Gil. O ponto de chegada não se sabe, está na cabeça de cada leitor, mas as teias que os autores chegaram foram múltiplas e complexas, deixando um bom caldo de discussão para o leitor. Sob a ótica artística, o Brasil ganha novas cores e novos contornos. Longe de alcançar a tão almejada identidade verde-amarela, o tônus é a pluralidade deste país em diferentes tempos,

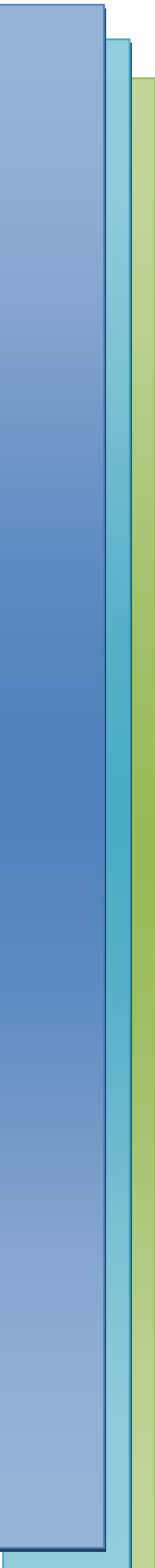
espaços e modos de narrar. Imerso nos processos de criação artística, afirmou Cândido Portinari, “Quanta coisa eu contaria se pudesse...e soubesse ao menos a língua como a cor...”. Já Drummond, no embate de expressar as nuances de um país gigantesco nas proporções e nas regionalidades, usa a poesia para descrever as pitadas de diferentes temperos da sua bagagem cultural enquanto mineiro de Itabira:

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:  
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;  
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;  
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;  
este orgulho, esta cabeça baixa...

A doutoranda da USP Priscila Correa analisa os agitados anos 60 e 70 dos festivais brasileiros, dando ênfase ao movimento musical da Tropicália, que, segundo ela, mostrou-se como “uma espécie de revisão crítica da cultura brasileira no âmbito da linguagem, da informação e do consumo, despertando, como se esperava, reações de oposição”. Recebido com vaia, Caetano Veloso expôs o seu *proibido proibir* trazendo ventos de vanguarda ao cenário da música popular brasileira.

Como exercício contemporâneo de conceituar a arte e eleger um expoente artístico, a seção *Opinião* expõe as diversidades de nossa época contemporânea. Os jovens universitários colocaram Chaplin e Picasso lado a lado com Machado de Assis, Beatles e Villa Lobos. Há também aqueles que optaram por colocar em xeque a própria enquête, problematizando a dificuldade de se escolher um único representante frente a um leque tão variado do nosso tempo presente. Bem fez Ricardo Araquan, ao destacar que para arte não existe “grilhões”. As fronteiras, fórmulas e normas são constantemente, em um processo dialético, destruídas ou reelaboradas. Ainda como parte do dossiê, *Contemporâneos* traz uma entrevista com a intérprete, dançarina e educadora Carla Ávila, que nos narra sua curiosa trajetória de vida que perpassa espaços aparentemente contraditórios como o Hawaí e a cidade de Viçosa (MG). Em qualquer deles, Ávila deixou que a arte tomasse seu sangue, veias e corpo. “Trabalhava naqueles resorts (no Hawaí), massageando o corpo e alma das pessoas”, conta. As diferentes emoções e subjetividades estão presentes em toda a entrevista.

Na seção *Artigos*, destaca-se a discussão em torno dos direitos humanos, bem propícia ao ano de 2008, comemorativo dos 60 anos da declaração dos direitos humanos da ONU. Nesta mesma direção, outro artigo traz indagações



sobre as leis brasileiras promulgadas com a Constituição de 1988. Os acontecimentos do fim da Segunda Guerra Mundial, quando se travou a decisiva batalha de Stalingrado entre russos e alemães são alvos de discussão dos autores de *A construção do herói*. Sobre essa mesma época, soma-se um debate sobre as informações veiculadas pelo jornal Batista (RJ) sobre o papel do Brasil na guerra. Os atentados do World Trade Center (11 de setembro de 2001) e as variadas correntes artísticas do século XX também foram visitados por nossos colaboradores. Na seção *Resenhas*, discutem-se os filmes Matrix e Abril Despedaçado.

Esperamos que o leitor deguste cada texto de nossa revista com o mesmo prazer que nós – editores – tivemos ao revisar, editar e diagramá-los. E que esse mesmo leitor aprove as mudanças editoriais – inevitáveis para uma revista que se propõe contemporânea e que traz esse pressuposto no próprio nome. Também convidamos os leitores a contribuir com novos artigos, resenhas e ensaios críticos, lembrando que além de semestral, a revista tem uma coluna atualizada quinzenalmente, o *Articulistas*.